

Durante quase dois anos, nada se interpôs entre aqueles 13 fugitivos judeus e os campos nazistas de extermínio, a não ser uma corajosa jovem polonesa.



THOMAS FLEMING

A escolha de Stefania

STEFANIA PODGORSKA, de 19 anos, acabava de deitar a irmã mais nova, Helena, quando ouviu baterem à porta e sobressaltou-se. Há mais de três anos que o Sudeste da Polônia fazia parte do império de Hitler. Corria o ano de 1942, e Prze-

mysl, uma cidade de mais de 50 000 habitantes, estava cheia de agentes da Gestapo e de soldados a caminho da frente russa.

Loura e bonita, Stefania mais de uma vez sentira os olhos desses homens postos nela quando entrava na

casa onde vivia sozinha com Helena, de 8 anos. O pai morrera antes da guerra e a mãe e o irmão tinham sido deportados para a Alemanha para trabalhos forçados. Para se sustentar e à irmã, Stefania era operadora de máquinas numa fábrica.

Com o coração aos saltos, ela entreabriu a porta e deu com um homem forte, com ar abatido e roupas sujas. Ele se encostou à soleira e sussurrou: «Fusia, preciso de ajuda.»

Fusia. Era um diminutivo que só os amigos chegados usavam. Stefania reconheceu na figura soturna Josef Burzminski, de 27 anos, filho do casal em cuja casa Stefania trabalhava quando os alemães ocuparam Przemysl. Meses atrás, os nazistas tinham levado essa família para o gueto, juntamente com o resto dos 20 000 judeus da cidade. Antes de irem embora, os pais dele tinham pedido a Stefania, que consideravam como uma amiga fiel da família, que ficasse na casa para protegê-la.

Stefania apontou uma cadeira para Josef. «Posso ficar aqui uma noite, Fusia?», pediu ele. «Juro que vou-me embora amanhã. Não quero que você corra perigo.»

Stefania lutou para dominar a onda de medo que a assaltou. Os avisos dos alemães colocados em toda a cidade indicavam que quem escondesse judeus seria executado. Queria ajudar aquele homem desesperado, mas seria justo arriscar não só a própria vida como a de Helena?

MAS, POR tudo o que aprendera com os pais, especialmente com a mãe,

ela sabia que devia fazê-lo. Juntamente com uma profunda fé religiosa, Katarzyna Podgorska havia instilado na filha uma forte noção do bem e do mal.

Olhando para o quarto pela porta aberta, a moça avistou o retrato da Virgem Santa. Encontrara a imagem numa feira, quando tinha 9 anos, e pedira à mãe que a comprasse. Todas as noites, quando rezava, sentia-se aliviada e fortalecida diante daquele rosto sereno.

«Você tem de ajudá-lo», segredou-lhe uma voz interior. Stefania pôs a mão no rosto esfolado de Josef e disse-lhe: «Claro que pode ficar.»

ENQUANTO fazia chá, Josef explicou o que acontecera. As SS tinham passado em revista o gueto, pondo seus pais e muitas outras pessoas em vagões destinados aos campos de extermínio. Josef e um dos irmãos foram depois forçados a entrar em outra composição. Quando esta se afastava, Josef serviu-se de um canivete para cortar o arame farpado de uma janela colocada no alto de uma das paredes do vagão. Fazendo passar o corpo pequeno e musculoso pela abertura, caiu ao chão com força.

Quando recuperou os sentidos, cambaleou ao longo dos trilhos até Przemysl, escondendo-se nos bosques. «Este foi o único lugar que me ocorreu procurar», disse Josef, enquanto devorava, agradecido, o pão que Stefania lhe pôs à frente.

PASSADAS duas semanas, Josef sentiu-se com forças suficientes para ir

embora. Entrando às escondidas no gueto, encontrou o irmão mais novo, Henek, e a mulher deste, Danuta, quase mortos de fome. O Dr. William Shylenger, velho amigo de família, e sua filha Judy, juntamente com outro amigo deles, um dentista viúvo com quase 60 anos e seu filho, de 20 anos, também estavam desesperados.

Josef subornou um impressor para lhe fazer uma carteira de identidade falsa que lhe permitia mover-se pela cidade e passou a contrabandar comida para os outros com a ajuda de Stefania. Mas, depois de perder esse documento e de ter de pôr inconsciente um soldado das SS que o interceptou, esse judeu ousado e forte percebeu que não podia continuar assim. Voltou à casa de Stefania.

«Fusia, você pode esconder alguns de nós? Sem sua ajuda não podemos sobreviver.»

Por um momento, Stefania pensou que Josef havia enlouquecido. «Não é possível um monte de pessoas se esconder debaixo de minha cama sempre que alguém bater à porta!», objetou.

«Você precisa nos encontrar um lugar onde possamos nos esconder», pediu Josef.

Stefania sabia que ela e a irmã podiam morrer se abrigassem aquele homem, mas estaria morta em espírito se o abandonasse. Por fim, disse: «Se eu conseguir encontrar uma casa nessas condições, pode contar comigo.»

Mas onde? Acabou descobrindo

uma, o n.º 3 da rua Tatarska, uma casa geminada de dois cômodos, uma cozinha e um sótão. Depois de obter a concordância de Josef, alugou-a e começou a limpá-la e a colocar cortinas escuras, para não se ver de fora nada lá dentro.

Os fugitivos começaram logo a chegar. Primeiro, veio Josef e o filho do dentista. Depois, o Dr. Shylenger e a filha, seguidos do dentista, um homem grave, de barbas, que chorou de alívio quando se sentiu em segurança.

Assim que estes se instalaram, apareceu um bilhete de uma amiga do dentista, uma viúva que ainda estava no gueto. Queria juntar-se a eles, com o filho e a filha, dando a entender que, se a recusassem, podia denunciá-los. Aborrecida, Stefania concordou em aceitá-la.

O dentista implorou a Stefania que admitisse um sobrinho seu e a respectiva mulher, que estavam escondidos num prédio abandonado. A seguir, Henek e Danuta juntaram-se ao grupo.

O último a chegar foi um carteiro judeu. Mais uma vez Stefania concordou, elevando-se assim o número de fugitivos a 13. Tornou-se muito claro que sua opção fora correta, quando os restantes judeus do gueto de Przemysl foram mandados para campos de extermínio.

Servindo-se de tábuas compradas por Stefania, Josef construiu uma parede falsa no sótão. Havia apenas o espaço indispensável para os 13 dormirem por trás dessa porta habilidosamente disfarçada.

Mal ele tinha acabado a obra, apareceu Stefania com notícias enervantes: «Um homem das SS vive aqui ao lado!» O grupo ficou ainda com mais medo de fazer barulho.

«TEMOS um caso de tifo», anunciou o dentista, numa manhã de inverno. A viúva caíra doente. Tentaram isolá-la para evitar infectar os outros. Ela estava cada vez mais febril.

Stefania pôs-se de joelhos diante da imagem de Maria. «Salva-nos, não por mim, mas por Helena», rezou ela.

Ao virar-se, viu Josef à porta. Ele perguntou-lhe: «Houve resposta?»

«Sim», disse Stefania com uma calma certeza. «Estaremos em segurança. Os alemães não virão.»

Passadas semanas, anunciou-se outro desastre: os fugitivos começaram a não ter dinheiro para comprar comida. «Vamos fazer dinheiro com nossas mãos», disse Stefania.

No dia seguinte, no intervalo do almoço na fábrica, ela começou a tricotar uma suéter, usando lã de uma outra, antiga, que desfiara em casa. Uma colega, admirando-a, perguntou-lhe se podia tricotar-lhe uma em troca de pagamento. «Claro», concordou Stefania.

Depressa reuniu encomendas para dezenas de suéteres. No n.º 3 da rua Tatarska, o grupo trabalhava noite e dia. Os clientes, agradecidos, nunca repararam na quantidade extraordinária de peças tricotadas que Stefania lhes apresentava.

À medida que o ano de 1943 avançava, ela ouvia dizer que os alemães

estavam perdendo a guerra e se retirando, mas Josef preveniu-a contra esperanças excessivas. «Os alemães ainda estão aqui», argumentou. «Podem ficar mais perigosos, à medida que a derrota se aproxima.»

Um dia em que Stefania saía para o trabalho, ouviu-se o uivo de uma sirene da polícia. A uns quarteirões dali, tropas das SS cercaram uma casa, arrastaram lá de dentro judeus aterrorizados e a família polonesa que os escondia e encostaram-nos à parede. «Fogo!», ordenou o comandante, e balas de metralhadoras ceifaram suas vidas.

Stefania ficou olhando pasmada para os corpos ensangüentados. Nas semanas seguintes, não conseguiu dormir. Uma noite, ao vir para casa do trabalho quase se arrastando, perguntou-se quanto tempo ainda poderia suportar aquele calvário.

Ao entrar, Josef e alguns dos outros estavam brincando às escondidas com Helena. Os olhos da criança brilhavam enquanto corria pela casa, dizendo: «Desta vez eu vou te pegar, Joe!»

«Essa gente é a minha família», percebeu Stefania. «Não posso abandoná-la.»

ALGUNS meses depois, alguém que estava de vigia à janela avisou: «As SS vêm aí!» Todos correram para o sótão.

Stefania atendeu à porta. Um agente informou-a secamente de que tinha duas horas para se mudar. «Mas por quê? Que foi que eu fiz?», perguntou ela.

«O exército está montando um hospital do outro lado da rua. Precisamos desta casa para instalar enfermeiras.»

Depois de ele sair, Stefania correu a consultar Josef. «Você e Helena devem ir-se imediatamente daqui», disse ele. «Escondam-se no campo.»

«E vocês? Que vão fazer?»

«Morrer lutando», respondeu Josef.

«Antes de fazermos seja o que for, vou rezar pedindo ajuda», disse Stefania.

«Rezemos todos», concordou Josef.

Desde que saltara do trem, vinha crescendo dentro dele a sensação de que Deus o protegia. Entraram todos no quarto de Stefania e rezaram.

Ela se concentrou. Há muito tempo, num santuário em Czestochowa, sua Virgem prometera proteger a Polônia de seus inimigos. Stefania pedia agora que sua família judia fosse incluída nessa promessa histórica.

Uma voz suave parecia dizer-lhe: «Não se vá embora. Você não tem nada a recear. Mande os seus 13 para o sótão. Abra as janelas e comece a limpar a casa como se contasse continuar aqui. Cante enquanto trabalha.»

Calmamente, Stefania disse a Josef que levasse todos para o sótão. «Não vou deixar vocês», explicou. «Tudo correrá bem.» Depois, ela e Helena abriram as janelas e começaram a fazer limpezas.

O oficial das SS apareceu pouco depois e disse: «Afiml vocês não vão

ter de sair daqui. Só precisamos de um quarto para duas de nossas enfermeiras.»

Estariam salvos ou não? Como poderiam sobreviver com duas alemãs dentro de casa?

Uma semana depois, as enfermeiras apareceram. Passavam muitas horas do dia no hospital, mas à noite era freqüente trazerem para casa soldados alemães e retirarem-se para o quarto, num grupo ruidoso.

Os fugitivos viviam sob tensão e medo. Uma tarde, ambas as enfermeiras chegaram em casa cedo, com dois soldados armados de espingardas. Os quatro conversaram em voz baixa. De repente, uma delas subiu as escadas que conduziam ao sótão.

Josef, por trás da parede falsa, ouviu o ruído de passos e fez sinal a todos para se imobilizarem. Através de um buraco na madeira, viu uma cabeça loura aparecer ao alto das escadas. A enfermeira olhou em volta, franzindo a testa. Momentos depois, os quatro alemães deixaram a casa. O esconderijo tinha sobrevivido ao teste supremo.

No dia seguinte, no trabalho, surgiram novas complicações. O gerente alemão anunciou que a fábrica ia ser desmontada e que regressaria à Alemanha. O salário de Stefania deixava de existir.

Agora, todos redobram esforços tricotando. Uma suéter só lhes dava dinheiro para comerem três dias, e o mercado daquele produto não era de muita confiança. O grupo passou dias inteiros sem se alimentar.

Uma vez, as enfermeiras aparece-

ram muito agitadas, vindas do hospital: «Vamos voltar para a Alemanha. Venha conosco. Precisamos de uma empregada na enfermaria», ordenou a loura.

Mais uma vez estavam à beira do desastre. Josef, receando pelo que os alemães podiam fazer a Stefania se ela se recusasse a partir, voltou a falar em lutarem até a morte. Stefania não concordou.

Preparando uma mala, vestiu Helena com suas melhores roupas e falou às enfermeiras com entusiasmo, mostrando-se ansiosa por partir. Quando o ônibus chegou, as enfermeiras subiram e o motorista começou a buzinar, chamando por Stefania, mas esta já estava longe e gritou: «Mudei de idéia. Não vou com vocês.»

As enfermeiras proferiram ameaças, mas o motorista, ansioso por partir, pôs-se em marcha. Rindo, Stefania correu de volta a casa e abraçou Josef. «Se tentassem me levar, eu dava nelas um soco», jurou.

Em breve, ouviam-se pelas ruas os silvos das bombas de artilharia. Certa manhã, Josef, de vigia, alertou: «Os alemães vêm aí!»

Três membros desalinhados da Wehrmacht, antes vitoriosa, arrastavam-se pesadamente pela rua Tatarska abaixo. Era o último indício do inimigo nazista.

Finalmente, quando tiveram certeza de estarem em segurança, os 14 emaciados fugitivos desceram as escadas do sótão e saíram à rua. «Os alemães foram-se embora!», congratulava-se Josef, rindo.

Viam-se sorrisos de felicidade em todos os rostos. Quando os residentes do n.º 3 da rua Tatarska se abraçaram, Josef apertou Helena junto a si e depois envolveu mais longamente em seus braços sua heróica irmã.

Em 1945, poucos meses depois do fim da guerra, Josef Burzminski propôs casamento a Stefania Podgorska. «Você pediu abrigo por uma noite», brincou ela, «e agora quer ficar a vida inteira?»

Em 1961, o casal emigrou para os Estados Unidos, onde Josef montou uma clínica dentária nos arredores de Boston. Tiveram um filho e uma filha. Helena Podgorska casou-se, formou-se em Medicina e exerce sua profissão em Wroclaw, na Polônia.

No ano passado, Stefania e Josef participaram de uma cerimônia evocativa no Museu Memorial do Holocausto, em Washington, juntamente com os chefes de Estado de Israel, Polônia, Estados Unidos e muitos outros países. Era o testemunho de que, no meio dos maiores males que o homem pode infligir, também é possível praticar o maior bem.

ILUSTRAÇÃO: MICHAEL DOOLING

A DIFERENÇA entre uma crítica construtiva e uma destrutiva é simples: a primeira é a que se faz; a segunda, a que se recebe.

— Frank Walsh, em *National Enquirer*